



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA – UNILAB  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA – ICEN  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Francisco Jeová Cunha Pereira**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO: RODA DE CONVERSA SOBRE  
GÊNERO E SEXUALIDADE NA AULA DE BIOLOGIA**

**REDENÇÃO-CE**

**2022**

**Francisco Jeová Cunha Pereira**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO: RODA DE CONVERSA SOBRE  
GÊNERO E SEXUALIDADE NA AULA DE BIOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Barbosa de Sousa.

REDENÇÃO-CE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Pereira, Francisco Jeová Cunha.

P489e

Educação sexual no ensino médio: roda de conversa sobre gênero e sexualidade na aula de Biologia / Francisco Jeová Cunha Pereira. - Redenção, 2022.

45f: il.

Monografia - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Barbosa de Sousa.

1. Biologia. 2. Gênero. 3. Sexualidade. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 372.3

---

**BANCA EXAMINADORA**

**Aprovado em:** 29/07/2022.

*Márcia Barbosa de Sousa*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Barbosa de Sousa (Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

*Luana de Almeida Pereira Fátima*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luana de Almeida Pereira (Examinadora)  
Universidade Federal Fluminense - UFF

*Rômulo Wesley Nascimento Silva*

---

Prof. Esp. Rômulo Wesley Nascimento Silva (Examinador)  
Instituto Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

*Dedico este trabalho a todas mulheres e  
pessoas LGBTQIAPN+ que não puderam  
viver suas vidas com toda potencialidade por  
conta de preconceitos estruturais. Que esse  
trabalho seja uma luz para as futuras  
gerações.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço muito à minha mãe, por todo o amor, cuidado, carinho e dedicação que tem me proporcionado ao longo desses 22 anos de vida. Sou extremamente grato por tudo. É graças à sua ajuda que estou hoje aqui, escrevendo estes agradecimentos. Sou grato ainda aos meus irmãos, Gerson e Jeane, e ao meu pai, Aroldo, por todos os momentos de apoio nesses 4 árduos anos de graduação.

Agradeço muito às minhas amigas/irmãs Vitória e Glória, por terem sido mais que família pra mim. Agradeço pelo apoio, viagens, tédios, alegrias, brigas e emoções que vivenciamos juntos. Nossa conexão transcende a lógica das coisas. Amo vocês! <3

Agradeço à minha “panelinha” da faculdade, que foram as responsáveis pelo meu enfrentamento aos surtos, haha! Obrigado pelas horas de *google meet*, onde compartilhamos estudos e muita fofoca... vocês são parte importante da minha vida <3 (Ju, Duda, Vic e Isa)

Agradeço à minha amiga Vitória Ellen, que desde o ensino médio esteve presente na minha vida. É uma honra ter seu apoio, te amo <3

Agradeço à professora Regislane de Oliveira por tornar possível a execução da pesquisa. Agradeço por ter aberto um espaço seguro para que o trabalho fosse posto em prática. Profissionais como você são os que fazem a diferença no mundo!

Agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Márcia. Obrigado por ter topado me ajudar nesse projeto, por ser meu braço direito, pelo compromisso que compartilha comigo. Se não fosse a senhora, esse trabalho não seria possível. Serei eternamente grato e a senhora sempre teve e terá minha mais sincera admiração.

Por fim, mas não menos importante, devo agradecer à minha inestimável banca examinadora: Prof. Esp. Rômulo e Profa. Dra. Luana. Ambos representam pra mim fortes inspirações enquanto profissionais, biólogos, cientistas e professores. Tenho por vocês uma profunda admiração e respeito que transcende os muros da universidade, mas é sobretudo, uma admiração pessoal. Não posso deixar de citar ainda, os professores Dr. Roberth e Dra. Viviane, que compõem a banca enquanto membros suplentes. Agradeço por todo o aprendizado que vocês me proporcionaram ao longo desses anos e certamente nunca esquecerei de vocês, pois serão sempre inspirações!

*“Não é o que o mundo reserva para você, mas o que você traz para o mundo.”*

**Anne With an “E”**

## RESUMO

Discussões sobre ES (Educação Sexual), em especial envolvendo gênero e sexualidade, ainda são enfrentadas como um tabu, e por consequência, essas questões não são tratadas como deveriam nas salas de aula. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo investigar o trabalho com a ES no ensino médio a partir de rodas de conversa sobre gênero e sexualidade em turmas de biologia. O projeto ocorreu por meio da elaboração de um questionário inicial e de uma sessão de roda de conversa, onde aconteceram debates com os estudantes, de forma que eles pudessem estar completamente abertos a ouvir e comentar sobre os temas de gênero e sexualidade, demonstrando os níveis de curiosidade e conhecimento. Por fim, foi promovida a realização de relatos por parte dos alunos, onde eles puderam descrever o impacto da ação em suas vidas. Com a realização da pesquisa, foi possível observar o forte interesse dos estudantes pela temática, mas em contrapartida foi percebido como o ensino de biologia ainda deve ser ampliado para abarcar de forma efetiva as discussões de gênero e sexualidade. Por fim, foi notada a importância de ações como estas para a potencialização do autoconhecimento e empoderamento dos estudantes. Espera-se, portanto, que este trabalho sirva como base para futuras investigações a respeito da ES.

**Palavras-chave:** Biologia. Gênero. Sexualidade.



## **ABSTRACT**

Discussions about SE (Sex Education), especially involving gender and sexuality, are still faced as a taboo, and as a result, these issues are not treated as they should in classrooms. Thus, the present work aims to investigate the work with SE in high school through conversation circles about gender and sexuality in biology classes. The project took place through the elaboration of an initial questionnaire and a conversation circle session, where debates took place with the students, so that they could be completely open to listening and commenting on the themes of gender and sexuality, demonstrating the levels of curiosity and knowledge. Finally, it was promoted the realization of reports by the students, where they could describe the impact of the action in their lives. With the completion of the research, it was possible to observe the strong interest of the students in the theme, but on the other hand, it was perceived how the teaching of biology still needs to be expanded to effectively cover the discussions of gender and sexuality. Finally, the importance of actions such as these was noted for enhancing students' self-knowledge and empowerment. It is hoped, therefore, that this work will serve as a basis for future investigations regarding SE.

**Keywords:** Biology. Gender. Sexuality.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ES - Educação sexual

IST's - Infecções sexualmente transmissíveis

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, pansexuais, não-binários e demais formas de sexualidades

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNC's - Planejamentos Nacionais Curriculares

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Histórico da Educação Sexual.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 O ensino de Biologia e a sexualidade humana: quais as dificuldades e como superá-las?.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 Rodas de conversa: limites e possibilidades dos diálogos entre professores e alunos.....</b>	<b>18</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 Público Alvo e Local de Pesquisa.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Modo de Execução.....</b>	<b>21</b>
<i>3.2.1 Questionário inicial.....</i>	<i>22</i>
<i>3.2.2 Elaboração da roda de conversa.....</i>	<i>23</i>
<i>3.2.3 Produção de relatos.....</i>	<i>24</i>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Questionário inicial.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2 Roda de conversa.....</b>	<b>33</b>
<b>4.3 Relatos dos alunos.....</b>	<b>35</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas (SOUSA; ARCOVERDE, 2019). De 325 assassinatos de pessoas transgênero ocorridos em 71 países, entre os anos de 2016 a 2017, mais da metade (52%) ocorreram no Brasil (BOND, 2018). Em 2022, o Brasil segue sendo pelo 4º ano consecutivo o país que mais mata a população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, pansexuais, não-binários e demais formas de sexualidades) no mundo (BOHRER, 2022). De acordo com dados estimados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), em 2017, uma em cada três mulheres em todo o mundo, já foram vítimas de alguma violência durante a vida, seja física, emocional ou sexual (MODELLI, 2021). Esses dados infelizmente tornaram-se rotina. É comum lê-los em manchetes de sites, jornais ou revistas, tão comum que muitas pessoas (em especial as que não são afetadas diretamente por isso) passaram a normalizar e ignorar estes dados alarmantes. A chave para mudar isso é a educação. É a partir dela que se pode construir uma sociedade progressista, livre de preconceitos e democrática, que abrace a pluralidade e diversidade, afinal, como colocado por Paulo Freire, "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (FREIRE, 2000, p. 67).

A Educação Sexual (ES) é uma temática já debatida a décadas, entretanto, ainda traz consigo inúmeros impasses, sendo alvo constante de censura por parte de diversos espaços da sociedade. É nesse sentido que justifica-se a grande importância da produção de conhecimentos acerca dessa área, de modo a potencializar a formação dos profissionais docentes, com o intuito de torná-los mais capazes de discorrer sobre essas temáticas de maneira consciente e madura. Dessa forma, trabalhos como este trazem consigo uma função social primordial: a reparação histórica - reparação para com as mulheres e para com a comunidade LGBTQIAPN+ que foram historicamente marginalizados pela censura e por tantos preconceitos estruturais.

O exposto corrobora com as ideias de Silva *et. al.*, (2015), ao colocar que a discussão do tema é cercada por inquietações e dúvidas próprias do adolescente, que passa por diversas transformações físicas na puberdade, e que apesar de se ouvir falar muito de sexo atualmente, continua sendo um tema delicado, tanto na família, quanto na escola. Os autores buscam demonstrar, com essa fala, que as discussões acerca da sexualidade humana têm crescido em alguns espaços sociais, mas quando falamos em ES nas escolas, ainda

existem uma série de dificuldades.

Crescer em uma sociedade patriarcal e LGBTQIAPN+fóbica implica em uma grande falta de autoconhecimento e em sentimentos de insegurança em muitos jovens. Partindo deste pressuposto, a ES nas escolas deveria ter como um de seus objetivos a possibilidade de conscientizar aos alunos sobre a diversidade sexual e de gênero presente na sociedade, possibilitando diálogos livres e plurais, que por consequência, geraria sentimentos de pertencimento e autoconhecimento nos jovens. Entretanto, é notório como a educação brasileira não tem enveredado por esse percurso como deveria. A invisibilidade do tema coloca a heterossexualidade, por exemplo, como padrão, tanto pelos ensinamentos “não formais” do currículo oficial ou fora dele como nas estruturas e funcionamento social da escola (LOURENÇO; MENDONÇA, 2021).

Sendo assim, foi a partir da minha própria experiência enquanto pertencente à comunidade LGBTQIAPN+ e Licenciando de Ciências Biológicas que surgiu a ideia de trabalhar com esta temática. As disciplinas de Estágio Supervisionado presentes na Grade Curricular Obrigatória do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNILAB, foram o ponto principal para a elaboração da pesquisa. Cumprindo seu papel de imergir os licenciandos na escola-campo por meio da análise dos professores, essas disciplinas me possibilitaram inúmeras percepções na forma como diferentes professores discutem a ES em salas de aula.

De forma completamente unânime, todos os professores que acompanhei ao longo dos Estágios trouxeram as temáticas de ES a partir de um viés unicamente relacionado às questões anatômicas do corpo masculino e feminino, métodos contraceptivos e riscos de Infecções sexualmente transmissíveis (IST's) ou possível gravidez na adolescência. Essa visão da sexualidade no Ensino de Biologia tende a estigmatizar o sexo e associa-lo ao perigo (LOURENÇO; MENDONÇA, 2021). É claro que essas temáticas são realmente de suma importância, mas não são apenas elas que resumem a sexualidade humana. Temas como orientação sexual, identidade de gênero e igualdade de gênero são simplesmente esquecidos e não são levados em discussão nas salas de aula, mesmo quando essas temáticas estão presentes nos livros didáticos.

Uma vez detectado o problema em questão, este trabalho tem como objetivo levantar uma investigação sobre o trabalho com a ES na disciplina de Biologia no ensino médio sobre

gênero e sexualidade, e como objetivos específicos buscar identificar as dúvidas dos estudantes com relação às temáticas, como também suas concepções acerca das mesmas, realizar, por meio de roda de conversa, uma ação educativa, levando discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade, mais especificamente orientação sexual, identidade de gênero e igualdade de gênero e, promover, por meio de rodas de conversa, o autoconhecimento e empoderamento dos alunos sobre sua sexualidade.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Histórico da Educação Sexual

A Educação sexual (ES) pode ser compreendida como “[...] todas ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade.” (WEREBE, 1998, p. 139). Dessa forma, para Furlani (2003), inicialmente, o processo de educação sexual ocorre, informalmente, a partir das relações com o ambiente, tendo a família como referência, e, formalmente, como prática pedagógica, nas escolas e instituições sociais. É partindo desse pensamento que podemos refletir que o processo de ES possui um caráter amplo, podendo ser realizado nos diversos espaços que temos contato ao longo do desenvolvimento. Portanto, não é função somente da família ou somente da instituição escolar contribuir para esse processo, ao contrário, é preciso um trabalho em conjunto.

Partindo dessa compreensão, podemos pontuar que a discussão sobre a implementação de uma ES é antiga e tem perpassado por inúmeros impasses ao longo das décadas. Os trabalhos relacionados a essa temática ganharam aumento em meados da década de 1980, uma vez que houve uma forte preocupação com a crescente do número de gravidez indesejadas na adolescência e a contaminação pelo vírus HIV (BRASIL, 1998). Mesmo nesse contexto, muitos pais apresentaram uma certa resistência à discussão desses conteúdos dentro das escolas, demonstrando como existe um típico receio quando o assunto é sexualidade.

Na época, prevaleciam discursos que eram, em geral, repressivos, ancorados nos pressupostos da moral religiosa e reforçados pelo caráter higiênico das estratégias de saúde pública (FIGUEIRÓ, 2010; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). Isto significa que nos primórdios da inclusão da ES nas escolas, no século passado, a mesma foi inserida a partir de um discurso errôneo e infundado em bases religiosas. Esse caráter erroneamente empregado na elaboração dos conteúdos de ES persiste até hoje nas salas de aula. A sexualidade no Ensino de Biologia costuma ser vista apenas pelo viés da anatomia, das IST's ou o perigo de uma gravidez indesejada, o que tende a estigmatizar o sexo e associa-lo ao perigo (LOURENÇO; MENDONÇA, 2021).

Corroborando com a ideia da existência dessa tenebrosa nuvem de censuras que regem o ensino de temas relacionados à sexualidade e gênero, Oltramari e Gesser (2019) destacam

em seu trabalho que muitas são as dificuldades presentes nas escolas, as quais acabam contribuindo para a construção de processos educativos que de fato não reconheçam os direitos sexuais. Nesse contexto, é importante destacarmos que no campo das diretrizes educacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), proporcionaram pontos positivos com relação à apropriação de temas que regem a sexualidade por parte dos professores (DOS SANTOS; PEREIRA; SOARES, 2018).

Nesse conjunto de circunstâncias, é imprescindível citar as contribuições de Michel Foucault para a temática. Foucault (1988) traz uma crítica ao modo como a sociedade lida com questões relacionadas à sexualidade, ou seja, uma crítica aos mecanismos negativos, que proíbem, censuram, e causam repressão aos diálogos a respeito desse tema. O autor propõe em sua obra que sejam estabelecidos mecanismos positivos sobre os diálogos relacionados à sexualidade, incitando o discurso sobre estas questões, o que pode promover uma forte produção de saber a respeito das questões relacionadas à esta área (MELO, 2010).

Foucault, acreditava, sobretudo, que nas sociedades ocidentais, durante muito tempo, o sexo foi ligado à busca por verdade, em especial, a partir do cristianismo. Sendo assim, segundo Ribeiro (1999):

“A confissão, o exame da consciência, foi o modo de colocar a sexualidade no centro da existência. O sexo, nas sociedades cristãs, tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso. Podia-se falar de sexualidade, mas somente para a proibi-la. O esclarecimento, a "iluminação" da sexualidade se deu nos discursos e na realidade das instituições e das práticas. As proibições faziam parte de uma economia complexa.” (RIBEIRO, 1999, p. 359).

A partir de suas contribuições, podemos constatar que novas técnicas sobre o controle da sexualidade foram construídas, mas de forma a romper com o silenciamento, incitando discursos e diálogos a respeito da sexualidade. Assim são marcados os primeiros movimentos de ES (FOUCAULT, 1988).

Antes a ES era voltada exclusivamente apenas ao viés anatomofisiológico, agora mais abrangente nos amplos assuntos que regem a sexualidade humana. Isso só se torna possível por meio de intensas discussões políticas e movimentos acerca da libertação sexual, em especial a luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, tendo forte presença dos movimentos feministas (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; TAQUETTE, 2013; FURLANETO et al., 2018).

De acordo com Lima (2021), ao falar sobre o processo de ES no Brasil, o primeiro autor que trouxe o assunto à tona foi José de Albuquerque, uma vez que para o autor o sexo é



tão natural como qualquer outra função fisiológica. Além disso, o mesmo defende que discussões acerca de sexualidade são de extrema importância nas escolas uma vez que são a maneira para se viver de forma saudável, distanciando-se de crenças infundadas e preconceitos (LIMA, 2021).

De acordo com Ribeiro (2009), foi perceptível no Brasil, no ano de 1968 uma onda de repressão de liberdades individuais, o que ocasionou uma série de dificuldades para a produção e execução de saberes em ES dentro das escolas. Isso se deu por conta do golpe militar, instaurado em 1964, o que comprova mais uma vez como a trajetória dessa temática tem passado por censuras ao longo da história.

É imprescindível destacar por fim que hoje é garantido por lei o direito dos profissionais que optam por incluir essas temáticas dentro de seus planos pedagógicos, uma vez que de acordo com Braga (2019) “a legislação brasileira garante que o profissional de educação possa tratar de igualdade de gênero em sala de aula sem ser ameaçado.” Ou seja, o professor tem um largo arcabouço jurídico que resguarda sua função acadêmica de tratar dos temas gênero e sexualidade em sala de aula (BRAGA, 2019).

## **2.2 O ensino de Biologia e a sexualidade humana: quais as dificuldades e como superá-las?**

A Biologia enquanto disciplina, possui a importante função de ajudar o estudante no processo de entendimento do mundo que o cerca, bem como na compreensão de suas transformações. Nesse contexto, é a partir das vivências nessa disciplina que o aluno pode tornar-se sujeito ativo na sociedade, contribuindo para sua participação e integração no universo (KUENZER, 2005). Nesse sentido, é completamente inaceitável que o profissional biólogo e professor de Biologia se oponha a exercer seu papel, esquivando-se das temáticas referentes a ES, tão pertinentes nos dias atuais. Em seu trabalho, Soares e Monteiro (2019) relatam que os profissionais docentes de Biologia sentem-se inseguros de explicar sobre a diversidade sexual, uma vez que acham que podem estar “influenciando” seus alunos.

Felizmente, crescem agora as pesquisas a fim de evidenciar a forma como os professores de biologia estão lidando com as questões referentes à gênero e sexualidade no campo educacional. Exemplo disso são as ações do projeto “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” (PET/Biologia/UFSC). Por meio dos resultados de um de seus trabalhos, é possível perceber a forma como os professores de Biologia passaram a lidar e compreender os

temas de sexualidade ao longo dos anos: “de um viés exclusivamente anátomo-fisiológico e médico, amplia-se para abarcar outras discussões, como questões de gênero, respeito e prazer.” (TAVARES; MOHR, 2021, p. 4153).

Partindo dessa ideia, é nítido pensar que discussões como Orientação Sexual, Identidade de Gênero e Igualdade de Gênero devam estar dentro da formação de professores da área das ciências, em especial, da Biologia. A sexualidade humana envolve uma gama de complexidades e não se restringe às questões anatômicas e fisiológicas. Entretanto, para que essas práticas sejam de fato adotadas, é necessário que se discuta a adoção de ações extracurriculares sobre ES voltadas à formação de professores de Biologia, como bem discutido por Tavares e Mohr (2021):

“Se considerarmos que poucas disciplinas abordam a temática da ES nos cursos, a importância de espaços extradisciplinares cresce ainda mais. É fundamental que a formação dos futuros professores não restrinja a sexualidade a um viés anátomo-fisiológico e médico, possibilitando abordagem mais abrangente de ES (TAVARES, MOHR, 2021, p. 4153)”

Nessa conjuntura, podemos considerar que a Biologia é uma ciência que está diretamente relacionada às questões de gênero e sexualidade, através dos conceitos físicos e fisiológicos relacionados à sexualidade, somados com discussões históricas e sociais relacionadas a estes conceitos. Assim, é possível considerar a ES uma temática interdisciplinar, relacionando a Biologia às demais Ciências, em especial, as humanas, corroborando seu caráter transversal (DE OLIVEIRA; MUZZETI; MICHELETI, 2021).

Santos e Miolina (2018) dialogam sobre as razões pelas quais a discussão de ES por parte dos professores de Biologia mostra-se tão difícil. A discussão levantada pelos autores corrobora com o já apresentado anteriormente:

“Um dos pontos apontados sobre tal discussão diz respeito a uma abordagem restrita ao campo biológico. Portanto, nota-se que se tem por ponto de partida o ensino de Ciência e, com ele, a preponderância da noção biológica do corpo humano como uma máquina morfológica, química e concreta. Entretanto, o corpo humano também é um território de embates sobre o qual construímos uma política para a vida. É um espaço de disputas, do qual alguma vontade resultar-se-á como verdadeira e, portanto, histórica. Essas, inclusive, são forças que operam constantemente na prática do currículo oculto, por exemplo, pois na relação professor/a – aluno/a emergem as questões relativas à sexualidade humana que atravessam a modulação de qualquer corpo. Assim, o corpo deixa de ser uma coisa para ser algo” (SANTOS; MIOLINA, 2018, p. 1156).

Nesse sentido, é indispensável que os professores compreendam que as noções de gênero e sexo vão muito mais além das variantes biológicas, mas são, sobretudo, construções culturais de comportamento. É a partir desse entendimento que serão formados professores cientes de seu papel, criadores de uma educação libertadora, que não se opõem à realidade e formam estudantes críticos e entendedores do seu papel na sociedade. Para ser este tipo de profissional, em uma sociedade que oprime e censura, é necessário ter coragem, afinal, como aponta Paulo Freire “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1999).

Em vista disso, é extremamente importante que sejam ampliadas as discussões a respeito da formação docente com enfoque na educação para a sexualidade, uma vez que a mesma não possui ainda o devido lugar nos currículos escolares, tampouco nos currículos de formação docente (DE ALMEIDA; CARVALHO, 2021).

### **2.3 Rodas de conversa: limites e possibilidades dos diálogos entre professores e alunos**

Gerar debates acerca de questões relacionadas à sexualidade humana não é fácil, sobretudo dentro de sala de aula, tendo em vista o receio de muitos professores em trazerem o assunto à tona. Por outro lado, Coelho e Campos (2015) acreditam que a escola é um lugar privilegiado para a discussão e problematização de dogmas e falas que excluem e estigmatizam certos grupos, como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

Nesse sentido, estratégias são necessárias para solucionar, ou em algum nível, amenizar estas dificuldades. Assim, surge a possibilidade da realização de rodas de conversa entre professor e alunos, como forma de debater de forma mais leve, informal e descontraída os assuntos relacionados à ES. As rodas de conversa giram em torno de um tema específico, delimitado inicialmente, e ao longo do processo, vão-se apresentando diferentes contribuições, pontos de vista e posicionamentos, mesmo que contraditórios. Ao longo desse processo, todos os sujeitos possuem o direito de fala, como também de escuta e posicionamento. (DE FIGUEIRÊDO, QUEIROZ, 2012).

Essa ferramenta educativa se torna efetivamente poderosa ao falarmos sobre práticas de ES, uma vez permite que os estudantes tenham liberdade, rompendo com opressões e censuras impostas pela sociedade. Enquanto um estudante compartilha suas histórias, vivências, dúvidas e anseios, outro pode ouvi-lo e sentir-se contemplado. Essa é a beleza de

um momento compartilhado (FIGUERÊDO; QUEIROZ, 2012). Lima (2012) destaca que a discussão de sexualidade no cotidiano escolar é um ponto positivo para a construção de uma educação multicultural:

“Somente um currículo multicultural, que considere a diversidade sociocultural na constituição da cultura escolar e da produção do saber científico no processo de ensino e aprendizagem possibilitará a desconstrução do caráter homogeneizador, fragmentador e reducionista da prática escolar, favorecendo uma educação antidiscriminatória, portanto libertadora e emancipatória, nos parâmetros de Freire” (LIMA, 2012, p. 4).

Trocar informações dentro do espaço escolar é uma ótima oportunidade, uma vez que a escola é um espaço propício para a educação, além, claro, de desenvolver uma cultura que favoreça os jovens no processo de comunicação entre os mesmos, promovendo a adequação a comportamentos preventivos. Sendo assim, entendemos a escola como um lugar ideal para a divulgação de informações (CARRADONE; RIBEIRO, 2004).

A colocação dos autores demonstra mais uma vez o poder que diálogos gerados a partir de rodas de conversas podem ter em uma sala de aula, principalmente quando se tem o apoio de um profissional docente que apoie e oriente corretamente os estudantes, como bem colocado por Lima (2012):

Dessa forma, esses/as jovens podem conseguir também, interferir no curso de suas vidas e participar de transformações ocorridas no meio sociocultural econômico. Desse modo, o /a docente pode ajudar os/as adolescentes a resgatar o erótico e o gênero. O primeiro refere-se a encarar a sexualidade como algo bom, bonito e importante na vida das pessoas; o segundo, a vislumbrar o homem e a mulher como iguais em todos os âmbitos, ou seja, a equidade de gênero” (LIMA, 2012, p. 5).

Se apropriando do pensamento de Oliveira, Santana e Pinho (2021) a escola deve ser um dos cenários para promover discussões sobre sexo, sexualidade, identidade de gêneros e orientação sexual e rodas de conversas se configuram como espaços ideais para levantar essas temáticas. Entretanto, os preconceitos enraizados são possivelmente empecilhos para a realização de estudos que envolvem gênero e sexualidade nas escolas. Existe uma ideia extremamente forte na sociedade baseada na heteronormatividade, onde o homem e a mulher seguem diferentes padrões (CARRARA, 2010). É graças a essa “convenção social” que alunos LGBTQIAPN+ sentem-se perdidos e não contemplados dentro do ambiente escolar. Além disso, estes padrões corroboram para posicionamentos machistas e misóginos, o que

afeta diretamente as alunas. Lima (2012) defende que muitos professores, não conseguem inserir essas temáticas dentro da sala de aula:

“Os professores e as professoras, muitas vezes, não conseguem inserir questões relacionadas à sexualidade em suas práticas didático- pedagógicas e ignoram situações em sala de aula que suscitam amplas discussões sobre essa temática. Situações essas que foram incorporadas pela sociedade como algo natural e que excluem a expressão das múltiplas identidades socioculturais, favorecendo para a desvalorização e a manutenção das desigualdades” (LIMA, 2012, p. 4).

Portanto, defende-se aqui que momentos como rodas de conversas, direcionados exclusivamente para estes diálogos, podem ter um impacto positivo na quebra de preconceitos e potencialização de aprendizados.

Nesse sentido, espera-se que a roda de conversa desenvolva a interação entre os estudantes, de modo que seja uma estratégia de motivação para os mesmos, uma vez que é sabido que estes momentos trazem a possibilidade de uma maior interação professor-aluno, além de difundir um sentimento de pertencimento, pois coloca em evidência as vivências e conhecimentos prévios dos participantes (GARCIA *et. al.*, 2017).

### **3. METODOLOGIA**

Quanto à natureza, a pesquisa configura-se como básica, uma vez que este tipo de pesquisa tem por objetivo “gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34).

Quanto à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, uma vez que se preocupa em interpretar informações quantitativas por meio de símbolos numéricos, ao mesmo passo que se preocupa com a construção e compreensão de dados qualitativos, mediante a observação e interação com os sujeitos (KNECHTEL, 2014).

Com relação aos objetivos, o presente trabalho tem como curso metodológico uma pesquisa do tipo exploratória, que se caracteriza por conceder mais informações acerca de determinado assunto. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória permite o delineamento de determinado assunto, facilitando a delimitação do tema da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto aos procedimentos utilizados na pesquisa, caracteriza-se por ser uma Pesquisa-ação. Para Thiollent (1988), esse tipo de pesquisa é uma investigação social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

#### **3.1 Público Alvo e Local de Pesquisa**

Foram escolhidos como público alvo, alunos do 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública. A cidade escolhida para abarcar a pesquisa foi Acarape, na região do Maciço de Baturité-Ceará. A escolha do local parte da ideia de realizar o trabalho em uma escola de cidade interiorana, que na maior parte das vezes carece de ações educativas relacionadas à temática de sexualidade.

#### **3.2 Modo de Execução**

O presente trabalho visa avaliar inicialmente a percepção dos estudantes com relação aos temas de Orientação Sexual, Identidade de gênero e Equidade de gênero dentro da ES, e após isso, avaliar as rodas de conversa como uma ferramenta didática. Pensando nisso, para abarcar os objetivos, a elaboração metodológica da pesquisa dividiu-se em três partes: I) Elaboração, distribuição e preenchimento de Questionário inicial (anexo I); II) Elaboração e execução da Roda de Conversa e III) Produção de relatos.

### *3.2.1 Questionário inicial*

O instrumento de coleta inicial (anexo I) foi composto por 11 perguntas, sendo uma em forma de tabela e o restante em forma de questões fechadas com no máximo três itens. Somando-se a isso, o questionário possui campos abertos para preenchimentos de informações como *gênero* e *idade*, além de uma questão extra aberta totalmente opcional, contemplando uma coleta de dados do tipo quali-quantitativa. O questionário contém uma adaptação de Abreu (2010) na questão 9. Foram feitas algumas reformulações na tabela a fim de adaptá-la ao público alvo e abarcar os objetivos da investigação. As perguntas que compõem este questionário foram elaboradas de forma a evidenciar:

- a) Os conhecimentos prévios dos alunos à respeito da Educação sexual;*
- b) O nível de conhecimento sobre as temáticas específicas do trabalho;*
- c) O nível liberdade que os alunos sentem para falar sobre sexualidade e*
- d) A importância que os estudantes dão para temáticas a respeito de sexualidade.*

Antes da distribuição do instrumento de coleta de dados, houve uma breve explicação para a turma sobre a pesquisa, evidenciando seus objetivos, bem como seus benefícios. Foi reforçado ainda o caráter sigiloso da pesquisa, garantindo aos alunos a confidencialidade para absolutamente todas as informações coletadas por meio de sua participação. A distribuição do questionário foi feita dia 06 de junho de 2022, dentro do horário da aula de Biologia, disponibilizado pela professora. Os alunos não foram sujeitos a tempo limite para o preenchimento do instrumento, podendo utilizar-se do máximo de tempo necessário. Isso garante, por exemplo, que os alunos possam focar-se exclusivamente na pesquisa, sem pressão externa, o que indica mais veracidade nas respostas.

Nesse mesmo dia, ao longo do preenchimento dos instrumentos, houve o diagnóstico da escola. Feito por meio da observação da turma e da conversa com a professora foi possível conhecer mais o ambiente escolar, servindo como base para a elaboração da roda de conversa. Os dados obtidos foram tabulados, organizados e detalhados por meio de planilha Excel (versão 2010), posteriormente foram produzidos gráficos representando estes resultados, objetivando uma melhor leitura quantitativa das informações coletadas.

### 3.2.2 Elaboração da Roda de Conversa

Após a análise dos resultados obtidos por meio do instrumento de coleta de dados e do diagnóstico da escola, foi possível realizar a montagem da roda de conversa. Como auxílio para esse momento foi preparada uma apresentação de slides, que serviu como guia para discussão. A apresentação foi composta por questionamentos com relação aos temas de orientação sexual, identidade e equidade de gênero, sempre de modo a trazer perguntas e indagações, para potencializar as discussões. Os slides foram extremamente ilustrativos, apresentando pouquíssimos textos e repletos de referências à cultura *pop* e a *memes*, com o intuito de despertar mais ainda o interesse dos jovens. Ao final, foram trazidas indicações de filmes e séries que discorrem a respeito dessas temáticas, uma vez que são produções que fazem parte do cotidiano dos adolescentes.

A roda de conversa aconteceu em 01 sessão, que ocorreu na sala de aula, no horário da aula de biologia, a fim de potencializar a participação dos estudantes. A roda de conversa teve duração de 2 horas. A sala foi organizada em formato de “U”, com as cadeiras dispostas lado a lado.

A organização do roteiro para a roda de conversa foi dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão (Figura 01). Esse processo de roteirização foi produzido a fim de dar um direcionamento para as discussões, possibilitando a fluidez das discussões dentro do esperado, mas claro, isso não limita a possibilidade de falas do público, tampouco as impede. Ou seja, o roteiro funcionou apenas como um material de apoio ao mediador, com o planejamento prévio das atividades desenvolvidas. A roteirização segue a seguinte lógica:

**Figura 01:** Roteirização da roda de conversa.



INTRODUÇÃO	Apresentação do tema a ser debatido; Indagações aos estudantes; Verificação dos conhecimentos prévios sobre as temáticas.
DESENVOLVIMENTO	Aprofundamento nas discussões; Conceitos mais específicos.
CONCLUSÃO	Direcionamento para fim das discussões; Exposição de dados.

Fonte: Do autor (2022)

Como forma de incentivo para a roda de conversa, foi desenvolvido um envelope, onde constavam as letras referentes à sigla LGBTQIAPN+. Alguns estudantes, de forma voluntária, puderam pegar algumas destas letras do envelope, e a partir daí trouxeram a explicação da representação da letra, evidenciando sobre o que se tratava: identidade de gênero ou orientação sexual.

Ao longo da execução da roda de conversa, foram registrados, por meio da escuta e escrita, a percepção dos estudantes com relação aos temas trabalhados, bem como seus comentários, contribuições e posicionamentos. Esse processo serviu como mais uma base para a construção dos dados da pesquisa, mostrando-se uma rica fonte de construção de resultados, tendo em vista que a qualidade da pesquisa qualitativa não se dá pelo tamanho da amostra, mas sim pela profundidade do estudo (AUGUSTO *et. al.*, 2013).

### 3.2.3 Produção de relatos

Momento realizado após a execução da roda de conversa, tendo como objetivo avaliar o impacto da roda de conversa na vida dos participantes. Cada aluno recebeu um papel em branco, no qual esteve livre para escrever as contribuições trazidas pela ação. Foi um momento livre, não existindo tamanho mínimo ou máximo de texto, e claro, totalmente confidencial.

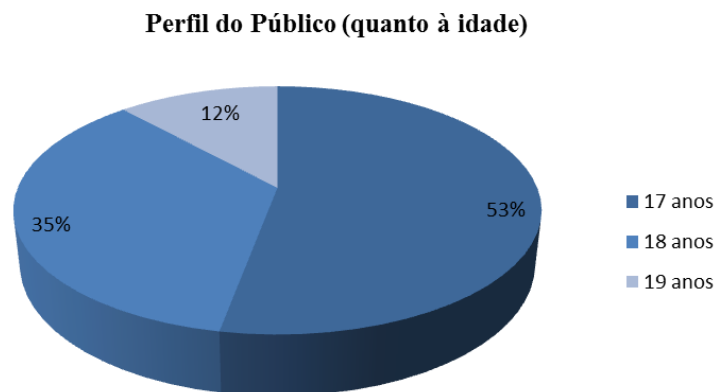
## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos através da pesquisa ao longo dos três momentos: questionário inicial, adesão dos estudantes às rodas de conversa e, por fim, os relatos finais.

### 4.1 Questionário inicial

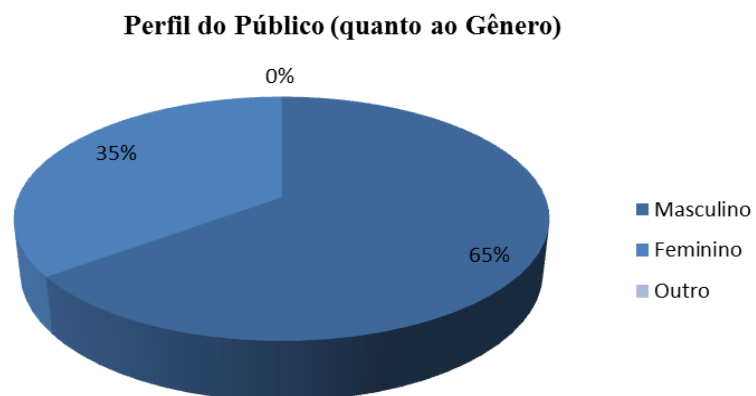
Ao todo, a pesquisa contou com a participação de 17 estudantes. Dessa forma, nos interessava conhecer o perfil dos participantes, a partir das informações de idade (figura 02) e gênero (figura 03).

**Figura 02:** Perfil do público participante da pesquisa (quanto à idade).



Fonte: Do autor (2022).

**Figura 03:** Perfil do público participante da pesquisa (quanto ao gênero).

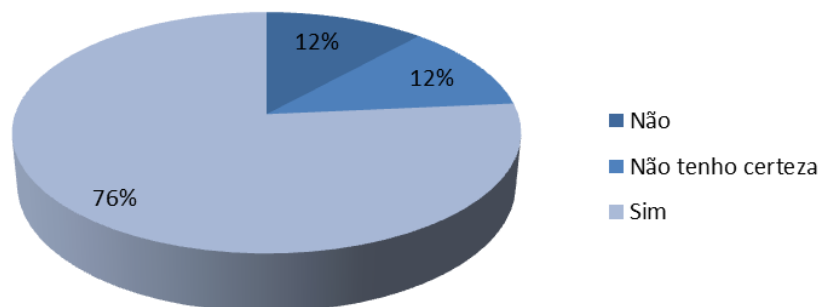


Fonte: Do autor (2022).

Observa-se, de acordo com a figura 02, que a maior parte dos participantes possuem 17 anos (53%), seguido pelas idades de 18 anos (35%) e 19 anos (12%). As idades dos alunos estão de acordo com o esperado para seu grau de escolaridade, uma vez que cursam o 3º ano do Ensino Médio. Somando-se a isso, a figura 03 evidencia que a maior parte da turma identifica-se com o gênero masculino (65%), enquanto todo o restante (35%) identifica-se com o gênero feminino.

**Figura 05:** Avaliação sobre o conhecimento da expressão “Educação Sexual” por parte do público.

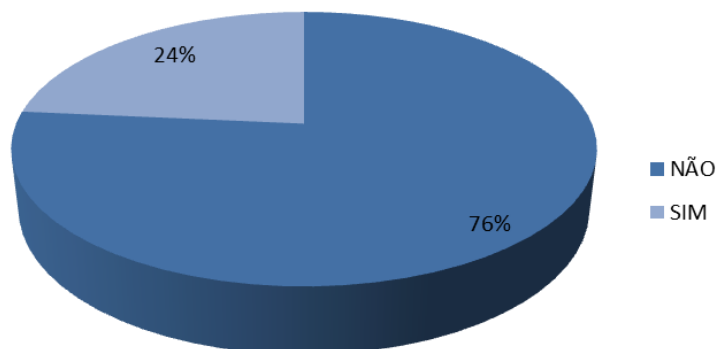
#### Já ouviu falar em Educação Sexual?



Fonte: Do autor (2022).

**Figura 06:** Avaliação sobre o contato com ações de Educação Sexual por parte do público.

#### Já teve contato com a Educação Sexual?



Fonte: Do autor (2022).

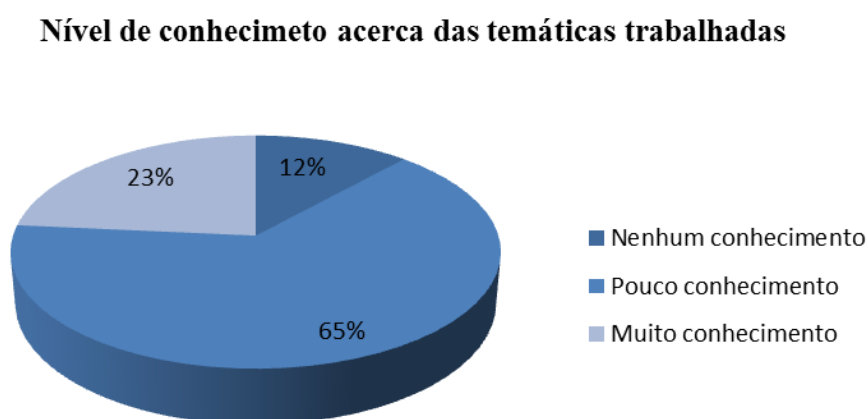
A figura 05 representa a primeira pergunta presente no questionário, que indica se o estudante já ouviu falar em ES. As respostas demonstram que a maior parte do público já

ouviu falar sobre a temática (76%), enquanto a menor parte ou nunca havia ouvido falar (12%) ou não tinha certeza (12%). Esses resultados vão de extremo oposto ao apresentado na pergunta 2, representado aqui pela figura 06, que indica se o estudante já teve contato com alguma ação de ES. As respostas evidenciam que 75% da turma nunca teve nenhum contato com ações do gênero, enquanto apenas 25% tiveram.

Nesse sentido, pode-se constatar que embora os alunos afirmem que já ouviram falar nessas temáticas, os mesmos não tiveram um real contato com as ações. Isso demonstra como as escolas carecem de discussões que evidenciam a ES enquanto essencial no currículo de Biologia. Nesse conjunto de circunstâncias, vale ressaltar que ao mesmo passo que crescem diversas iniciativas e ações que corroborem para o ensino de ES, existe uma forte força contrária na sociedade, e muitas vezes presente nos próprios educadores, que atrapalham o desenvolvimento dessas ações, corroborando para um atraso no desenvolvimento de um processo educativo de qualidade (OLIVEIRA, MUZZETI, MICHELETI, 2021).

Por fim, no exposto pelos gráficos, é positivo pensarmos que a maior parte do público já ouviu falar em ES. Isto demonstra, sobretudo, que o tema perpassou em algum momento, pelo cotidiano do aluno, mesmo que de forma indireta.

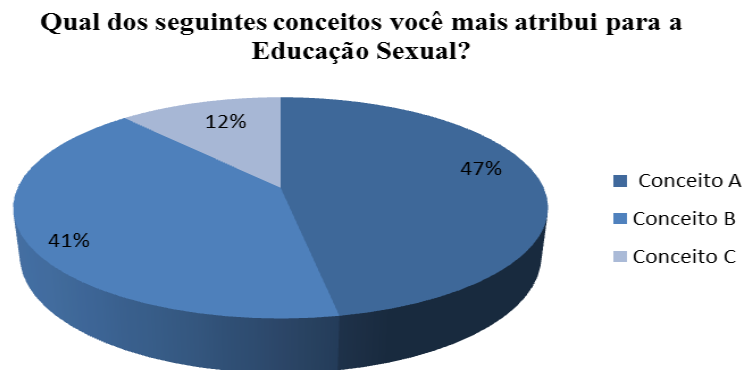
**Figura 07:** Avaliação do nível de conhecimento que os participantes julgam possuir sobre as temáticas de Orientação Sexual, Identidade de Gênero e Igualdade de Gênero.



Fonte: Do autor (2022).

A figura 07 expõe o nível de conhecimentos que os participantes julgam ter sobre as temáticas. É possível observar que a maior parte da turma (65%) julgam possuir pouco conhecimento, enquanto 23% julgam possuir muito conhecimento e os 12% restantes julgam possuir nenhum conhecimento.

**Figura 08:** Avaliação sobre o conceito de Educação Sexual mais aceito pelo público.

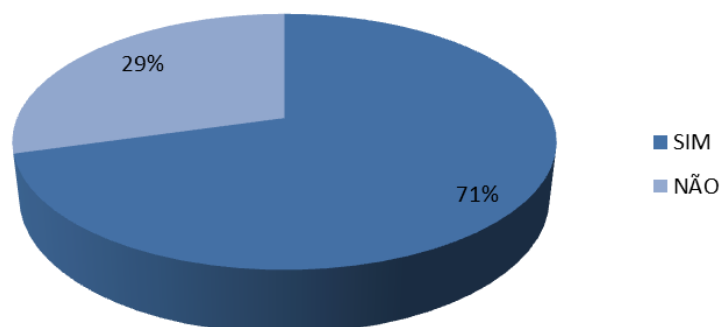


Fonte: Do autor (2022).

A figura 08 representa a pergunta 4 presente no questionário, na qual estão presentes três diferentes conceitos de ES: conceito A; o mais correto e abrangente, conceito B; desatualizado, limitando a ES apenas ao viés fisio-anátomo, IST's e Gravidez indesejada; e o conceito C; sendo errado. De acordo com os resultados observáveis através do gráfico, os conceitos A e B foram os mais cogitados pela turma, tendo 47% e 41% de escolha, respectivamente. Apenas 12% da turma escolheu o conceito C.

**Figura 09:** Avaliação sobre o conhecimento da diferenciação entre os conceitos “Igualdade de Gênero e Equidade de Gênero” pelos participantes.

**Você sabe a diferença entre Igualdade de Gênero e identidade de Gênero?**



Fonte: Do autor (2022).

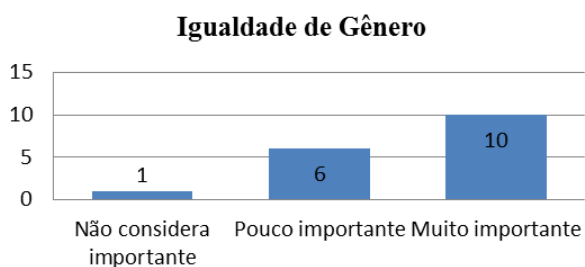
Na figura 09 é possível perceber a quantidade de alunos que afirmam conhecer a diferença entre os conceitos de Identidade de Gênero e Igualdade de Gênero (71%) e os que afirmam não conhecer (29%).

Os dados apresentados nos gráficos anteriores sugerem que os participantes possuíam um conhecimento mediano com relação às temáticas apresentadas, conhecimentos estes muito provavelmente advindos de mídias, como TV ou internet, uma vez que a maior da turma relatou nunca ter participado de ações de ES. Esse dado é importante para validar a importância que teve a realização da ação de ES na escola, uma vez que através da ação, esse conhecimento foi ampliado.

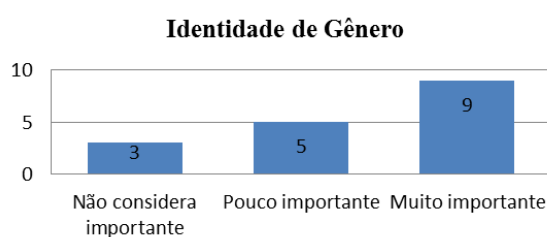
O fato de boa parte dos estudantes terem cogitado o conceito B como a melhor definição para ES, corrobora para o entendimento de que muitos dos alunos ainda limitam as temáticas de sexualidade apenas aos conteúdos tradicionais já relatados aqui, como IST's, Gravidez na adolescência, Anatomia, dentre outros (LOURENÇO; MENDONÇA, 2021). Nesse sentido, salienta-se aqui que a ação educativa foi muito importante para quebrar essa ideia ultrapassada de ES, corroborando para o amplo entendimento do tema.

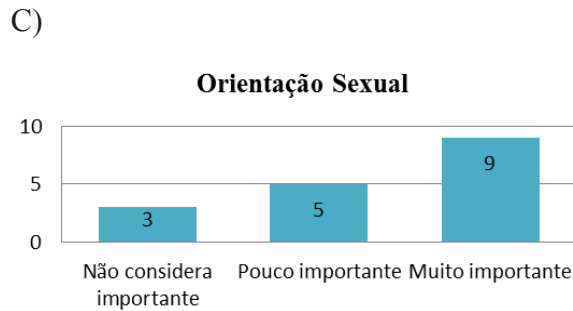
**Figura 10:** Avaliação sobre o nível de importância que os participantes atribuem a cada uma das temáticas. A) Igualdade de Gênero; B) Identidade de Gênero e C) Orientação Sexual.

A)



B)



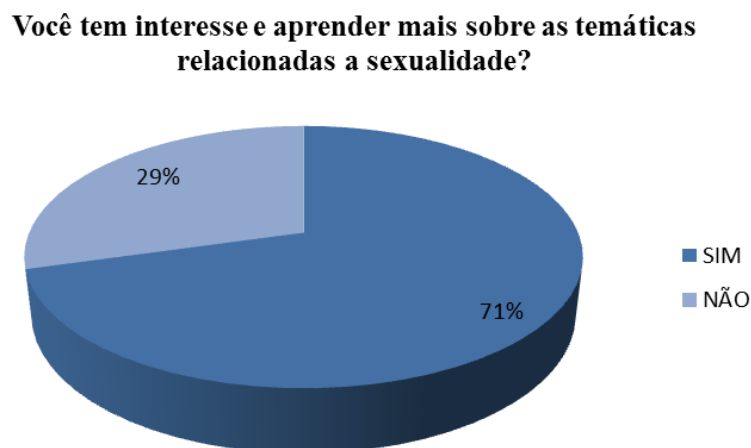


Fonte: Do autor (2022).

A figura 10 possibilita observar a importância que os alunos atribuem, inicialmente, às temáticas trabalhadas na pesquisa. A maior parte da turma considera as três temáticas muito importantes, e a minoria não considera importante. Esses resultados evidenciam que por mais que os alunos tenham vivenciado uma carência na presença de assuntos relacionados a ES, os mesmos entendem que são temas importantes. Entretanto, é possível observar ainda que as temáticas de “Orientação Sexual” e “Identidade de Gênero” são tidas como menos importantes que a temática de “Igualdade de Gênero”.

Essa diferenciação pode ser atribuída, dentre outros fatores, a uma certa insistência de preconceitos ainda presentes em salas de aula. Discussões como feminismo, protagonismo feminino e equidade de gênero vem ganhando muita força, o que é maravilhoso. Entretanto, é possível perceber que as discussões a respeito da diversidade sexual ainda encaram certos impasses, estigmas e limitações, tornando mais difícil a educação para a sexualidade (NEMI NETO, 2015).

**Figura 11:** Avaliação sobre interesse por parte dos participantes em aprender mais sobre as temáticas de ES.



Fonte: Do autor (2022).

A figura 11 demonstra claramente que a maior parte da turma (71%) possui interesse em aprender mais sobre as temáticas, enquanto apenas 29% não possuem esse interesse. É importante salientar aqui, que ao longo da tabulação de dados foi perceptível uma predominância do gênero masculino nas respostas negativas, enquanto o gênero feminino teve como tendência fornecer respostas mais positivas. À vista disso, pode-se propor uma certa propensão das meninas a se interessarem mais pelas temáticas relacionadas à sexualidade, entretanto, devemos concordar que essa tendência não é algo natural, mas construído a partir do entendimento de gênero e comportamento.

De forma simplificada, os meninos são educados a partir de uma lógica machista que coloca a masculinidade como algo dominante, mas ainda assim, frágil. Sendo assim, ao se interessar por essas temáticas, entendidas socialmente como “coisas de mulher”, a masculinidade dos meninos é diretamente ferida (SOUSA, GODOI, 2020).

**Figura 12.** Resultados obtidos por meio da tabela adaptada de Abreu (2010), representado a frequência de utilização e o grau de importância atribuído pelos participantes a possíveis fontes de informações acerca de ES.

	FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO			GRAU DE IMPORTÂNCIA		
	NUNCA	ALGUMAS VEZES	MUITAS VEZES	PEQUENO	MEDIANO	GRANDE
<b>A) Pais</b>	11	4	2	4	3	4
<b>B) Outros familiares</b>	10	4	3	9	1	1
<b>C) Televisão/internet</b>	11	2	4	5	4	2
<b>D) Namorado (a)/Companheiro sexual</b>	7	5	5	1	6	4
<b>E) Amigos/Colegas</b>	6	7	4	5	5	1
<b>F) Professores</b>	16	1	0	7	3	1
<b>G) Profissionais da Saúde</b>	10	6	1	7	2	2
<b>E) Figura religiosa (padre, pastor, etc).</b>	16	1	0	8	3	0
<b>F) Livros didáticos</b>	12	4	2	8	3	0

Fonte: Adaptado de Abreu (2010).

A Figura 12 representa os resultados obtidos por meio da tabela inserida no questionário. A tabela em questão teve o intuito de investigar inicialmente a frequência de utilização atribuída a uma possível fonte sobre ES. Além disso, a tabela investiga também o grau de importância que os alunos julgam para cada uma dessas fontes.



A observação e análise das respostas obtidas propõem que a maior parte dos participantes nunca utilizou-se das fontes apresentadas para aprender sobre ES. Logo, as fontes menos utilizadas são “professores”, “figura religiosa” e “livros didáticos”. Inversamente, as fontes mais utilizadas são “televisão/internet”, “amigos/colegas” e “namorado (o)/companheiro (a) sexual”. É possível verificar ainda que a maior parte dos participantes julgou como pequeno o nível de importância destas fontes como possíveis meios para a propagação da ES. Logo, as fontes menos valorizadas são “outros familiares”, “figura religiosa” e “livros didáticos”. Inversamente, as fontes mais valorizadas são “namorado (o)/companheiro (a) sexual”, “pais” e “televisão/internet”.

Esses resultados indicam de forma dura, mas clara e evidente, a forma como a ES foi inserida na vida dos jovens. A maior parte não utiliza, nem julga importante essas diferentes fontes para a potencialização da ES, evidenciando como a sexualidade sempre é colocada em segundo plano, quando pautada em aprendizagem e acesso à informação. O fato de os alunos não considerarem “professores” e “livros didáticos” como fontes seguras para conversar sobre esse tema nos mostra como este trabalho é importante, pois direciona um pensamento para o papel do professor enquanto formador de cidadãos. Isso evidencia ainda que os PCN’s não são respeitados, uma vez que sugerem que essas temáticas sejam trabalhadas transversalmente no currículo escolar (BRASIL, 1998). Entretanto, como já citado no trabalho, esta é uma problemática que parte da formação inicial dos professores. É importante pensarmos na ampliação dos currículos formadores, de forma que contemplem de forma mais efetiva as colocações trazidas através dos PCN’s.

Não sentindo-se confortáveis para falar sobre sexualidade na escola, os alunos, segundo sugerido pela tabela, buscam informações por meio dos companheiros sexuais ou amigos, o que claramente acarreta em grande desinformação. Além disso, buscam informações também por meio da mídia, através de TV e internet. Esse resultado é reforçado por Oliveira, Santana e Pinho (2021) quando destacam que a internet está cada vez mais sendo utilizada como ferramenta para que os adolescentes esclareçam suas dúvidas e inquietações e recebam orientações sobre sexualidade. Os jovens que buscam informações sobre o assunto encontraram na internet uma válvula de escape para a falta do diálogo dentro de casa ou da sala de aula. Por esta razão, os campos de “televisão/internet” foram mais valorizados e mais utilizados.

## 4.2 Roda de Conversa

A roda de conversa dentro da aula de biologia se mostrou um espaço seguro e confortável para potencializar falas e posicionamentos por parte dos estudantes, muitas vezes não apresentados nos moldes tradicionais de ensino. Ao longo da ação educativa, os participantes compartilharam suas próprias vivências, relataram preconceitos, demonstraram curiosidades e participaram positivamente.

No decorrer desse momento, objetivou-se observar sobretudo, o comportamento dos estudantes, buscando por meio desta análise, obter uma visão mais realista do apresentado nos questionários. Sendo assim, foi possível perceber inicialmente, uma maior inibição por parte de toda a turma, mas a partir das indagações levadas pelo mediador e do afunilamento das discussões, os participantes sentiram-se mais confiantes para começar a partilhar seus posicionamentos.

Foi notório perceber ainda, que os participantes pertencentes ao gênero feminino sentiram-se mais dispostos a participar das discussões que os pertencentes ao gênero masculino, em especial na temática de Igualdade de Gênero. Isso pode demonstrar, de forma sutil, mas clara, o impacto da “masculinidade tóxica” na sociedade, fruto de um machismo ancorado em uma estrutura patriarcal. Desde cedo, os meninos são ensinados que diálogos sérios a respeito de temáticas relacionadas à sexualidade não são importantes e que não são “coisas de homem”. Nesse conjunto de circunstâncias, vale citar Sousa e Godoi (2020), quando pontuam que a masculinidade como ideologia machista, e portanto, tóxica, deve ser desconstruída a partir da escola, uma vez que é este o espaço onde nascem as construções de alteridade, democracia e respeito, sendo exatamente o que foi realizado pelo trabalho.

Algumas das temáticas apresentadas desembocaram em discussões extremamente relevantes, que graças a seu caráter, merecem ser destacadas aqui. Uma dessas discussões, levada por uma aluna, diz respeito à forte religiosidade que vivemos e como isso afeta sua relação com a família. De acordo com a aluna, o fato de sua mãe ser, segundo ela “muito da igreja”, torna difícil o entendimento de sua sexualidade. Isso levou a diversas falas e posicionamentos, onde os participantes pontuaram que de fato, pessoas de gerações passadas pensam de formas diferentes, mas outros logo rebateram, evidenciando que “pensamentos

diferentes” não justificam preconceitos, tampouco quando ancorados em pressupostos religiosos.

A bifobia foi ponto de discussão ao longo da roda de conversa a partir da fala de um dos participantes: “*Por mais que minha família seja extremamente bifóbica, quando assumi me senti mais acolhido perto deles do que na escola*”. Essa fala tem um impacto muito forte, especialmente porque evidencia como a escola não cumpre seu papel enquanto espaço acolhedor para a diversidade, sendo, portanto, mais um obstáculo na vida do adolescente LGBTQIAPN+ que já sofre preconceitos diariamente. Por outro lado, possibilitar essa fala dentro da sala de aula, na frente dos demais colegas e da professora, elucidada como a ação educativa impactou a coragem desse aluno, mostrando como momentos como estes são de fundamental importância.

“Os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (ADICHIE, 2017, p.28). A colocação da autora possibilita pensar nas falas de algumas alunas, trazidas a partir das discussões sobre Igualdade de Gênero. Várias meninas mostraram uma certa insatisfação e indignação por serem naturalmente colocadas como mais “frágeis” ou mais “sensíveis” apenas por conta de seu gênero. Uma delas, por exemplo, afirmou estar tão acostumada a assumir esse papel de submissão que já abriu mão de várias coisas, dentre elas, a vontade de cursar faculdade de engenharia, por ser entendida como uma área dominada pelos homens. Entretanto, as discussões sobre padrões de gênero e masculinidade tóxica realizadas na roda de conversa construíram uma mudança de pensamento na aluna, que a partir de então repensou sobre a desistência e resolveu voltar a trilhar seu sonho.

As discussões acerca de Identidade de gênero geraram grande movimentação entre os alunos, que reportaram casos atuais de transfobia veiculados na mídia, demonstrando indignação e solidariedade com a causa. Além disso, os participantes relataram já ter estudado com uma colega trans, mas a mesma já não fazia mais parte da turma. Ainda assim, os alunos se mobilizaram para trazer essa aluna até a roda de conversa, o que evidenciou uma forte ligação entre a referida estudante e a turma, o que ficou ainda mais claro quando os mesmos relataram as inúmeras vezes que lutaram pelos direitos da colega, inclusive, pelo direito do uso de seu nome social, que por vezes não era respeitado na escola.

Um outro ponto bastante positivo para o sucesso da ação educativa foram as indicações de séries e filmes. Essas referências à cultura *pop* geraram discussões, uma vez que fazem parte do universo dos jovens, o que contribuiu para um maior interesse pelas temáticas. Muitos comentaram já haver assistido, outros demonstraram interesse em procurar para assistir posteriormente. Alguns dos participantes chegaram a trazer inclusive outras indicações, o que contribuiu para uma rica troca entre mediador e participantes. Essas indicações foram pensadas, sobretudo, a partir da ideia de que os jovens naturalmente procuram informações sobre sexualidade por meio da mídia. Nesse sentido, buscou-se orientar fontes seguras de informação, por meio da indicação de produções midiáticas de fato sérias e responsáveis.

Os pontos apresentados corroboram o sucesso da roda de conversa como uma ação educativa eficaz. A ação cumpriu seu papel de instigar os estudantes a buscar uma maior compreensão do mundo a partir de suas vivências e experiências, por meio da interpretação de suas realidades e do pensamento crítico sobre as diferentes formas de viver (ANGELO, 2006).

#### **4.3 Relatos dos alunos**

Após a execução da roda de conversa, foi pedido aos alunos que produzissem relatos a respeito da ação educativa, apontando quais transformações foram evidenciadas após a realização da ação. A seguir estão transcritos alguns dos relatos apresentados pelos participantes:

*Aluno A) “Obrigado por isso! Minha turma precisava muito. Apesar de eles saberem minha sexualidade, foi importante reconhecer em voz alta.”*

O relato do aluno A traz à tona uma ideia muito presente na sociedade - a de que as pessoas podem saber sobre sua sexualidade, mas ninguém pode falar sobre ela, sendo quase uma espécie de convenção social. Essa ideia reforça o apagamento das diversas formas de orientação sexual, mais uma vez, reforçando o pensamento de Lourenço e Melo (2021) trazido na introdução do trabalho, onde os autores afirmam que essas convenções sociais

colocam a heterossexualidade como um padrão a ser seguido.

Nesse contexto, o relato do aluno evidencia ainda o impacto positivo causado pela realização da roda de conversa, pois foi apenas através da mesma que a turma ”reconheceu em voz alta sua sexualidade”. Assim, pode-se concordar que as rodas de conversa propiciam momentos ímpares, que não seriam alcançados em um modelo de aula tradicional, por exemplo. Nesse conjunto de circunstâncias, a ação educativa pôde contribuir para a ampliação de reflexões e diálogos em grupo (FIGUEIREDO; QUEIROZ, 2012).

Percebe-se com a fala do aluno que as temáticas de orientação sexual não ocorrem de forma transversal e contínua na escola, mas apenas em momentos pontuais, como na referida ação educativa. Desse modo, pode-se considerar, mais uma vez, que as práticas referentes a essa temática não obedecem o proposto pelos PCN’s, que exigem que a temática de orientação sexual seja trabalhada na escola de forma transversal e contínua (LIMA, 2014).

*Aluno B) “Foi muito produtivo. Agora sei como tratar e ser tratada. Obrigada pela aula!”*

A fala do aluno B traz à tona de forma clara o tamanho da importância da disciplina de Biologia não apenas enquanto divulgadora de conhecimento acerca de dimensões biológicas, mas ainda como instigadora de um senso crítico frente às desigualdades sociais observadas no mundo. Fazer com que os jovens saibam como devem ser tratados, a estabelecer limites, a não aceitar preconceitos impostos pela sociedade deve ser sim, papel fundamental do professor de biologia, pois antes de seres biológicos, somos sobretudo, seres sociais.

Essa fala reafirma como a ação educativa foi fundamental na promoção de reflexões por parte dos alunos. Reflexões estas importantíssimas para que os mesmos se reconheçam como sujeitos ativos de suas próprias sexualidades e se tornem seres capazes de construir relações saudáveis e positivas (FIGUEIRÓ, 2006).

*Aluno C) “Saio daqui com pensamentos totalmente diferentes. Amei muito essa roda de conversa. Obs: Jeová, você é incrível, amei demais você.”*

A última fala trazida nos resultados nos mostra claramente a eficácia da metodologia da ação educativa em divulgar as informações acerca da sexualidade, a partir do entendimento de que o aluno “sai com pensamentos totalmente diferentes”. Além disso, essa fala valida a roda de conversa e a aula de biologia enquanto espaços seguros e passíveis de aprendizado, garantindo o sucesso dos objetivos propostos no início da pesquisa.

Além disso, o carinho colocado pelo aluno C em sua frase é uma demonstração do impacto positivo da ação, no sentido de ter sido um momento de fato transformador, potencializador de mudanças, e sobretudo, um momento de afeto, que pôde, em algum nível, acolher alunos que por muito tempo sentiram-se estigmatizados e deixados de lado, mas que neste momento, puderam ser protagonistas em uma aula de biologia.

Nesse conjunto de circunstâncias, o trabalho realizado evidenciou o poder libertador da educação, por meio do estímulo para que os alunos questionem o mundo, para que eles se vejam como parte da realidade, se entendem e entendem a formação da sociedade a seu redor, contemplando assim, de acordo com os parâmetros de Freire (1999), uma educação crítica, problematizadora e sobretudo, transformadora.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do trabalho não foi simples, em virtude da temática, que traz a tona assuntos ainda tão polêmicos e delicados. Nesse sentido, grandes dificuldades foram encontradas, em especial a falta de receptividade das escolas para com a pesquisa. Ao todo, foram contatadas sete escolas de Ensino Médio para realização do trabalho, de cinco cidades diferentes, sendo uma da rede particular e o restante da rede pública. Deste quantitativo, apenas uma escola aceitou participar da pesquisa. Essa pequena aderência das escolas traz à tona o que já foi discutido anteriormente: a forte onda de censura e apagamento que essas temáticas ainda sofrem.

Atualmente muitas são as pesquisas que discorrem sobre as práticas de ES no ensino de biologia, mas isso não significa que o assunto esteja próximo a ser esgotado. Pesquisas como essa fazem a diferença, mesmo que aos poucos. Portanto, espera-se que o trabalho em questão seja uma luz para ampliação de trabalhos acerca da ES e sirva como base para futuras pesquisas, pois a ES é um vasto campo que não será esgotado tão cedo.

A realização dessa pesquisa foi uma experiência ímpar na minha formação docente. Observar de perto o impacto que atividades como essas possuem na vida dos estudantes foi realmente incrível. Enxergar o entusiasmo e participação dos alunos, por meio de intensas discussões sobre questões de gênero e sexualidade, poder atuar no empoderamento desses jovens, e principalmente, fazê-los sentirem-se confortáveis foram experiências indescritíveis.

O entendimento de que devemos construir uma educação libertadora, que rompa com estigmas e preconceitos deve estar mais presente na formação docente. A Biologia enquanto disciplina dentro das escolas, a partir do observado pela pesquisa, ainda tem muito a percorrer para abarcar de forma mais ampla as questões sociais decorrentes das variantes biológicas. Portanto, deve-se pensar na construção de uma ciência interdisciplinar, promovendo o entendimento de que o machismo e a LGBTQIAPN+fobia são construções sociais ancoradas em pressupostos preconceituosos, que devem, portanto, ser erradicados, por meio de uma educação transformadora, crítica e libertadora.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Jordão Filipe dos Ramos. O Conhecimento e a Atitude Face à Saúde Sexual e Reprodutiva: um estudo correlacional em estudantes universitários. Tese de Doutorado, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/1249>. Acesso em: 01 de jun. de 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANGELO, Adilson de. A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância. In: Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social. 2006.
- AUGUSTO, Cleicle Albuquerque; DE SOUZA, José Paulo; DELLAGENO, Eloise Helena Livramento; CARRIO, Silvio Antonio Ferraz Cario. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, p. 745-764, 2013.
- BOHRER, Larissa. Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto consecutivo. Rede Brasil Atual. 12 de mai. 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbtqia-no-mundo-pelo-quarto-ano-consecutivo/>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- BOND, Letycia. De janeiro a setembro, 231 transgêneros foram mortos em 72 países. Agência Brasil. Brasília, 13 de nov. de 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/de-janeiro-setembro-271-transgeneros-foram-mortos-em-72-paises>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- BRAGA, Mariana. Debater sexualidade e gênero em sala de aula é um direito constitucional. A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARRADORE, Vânia Maria; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Aids e Educação Escolar: algumas reflexões sobre a necessidade da orientação sexual na escola. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, p. 63-84, 2004.
- CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.
- COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, p. 893-910, 2015.



DA SILVA, Elisângela Lima; DA SILVA, Silvana; MOTA, Raquel Martins Fernandes; DE SOUSA, Ricardo Douglas. Educação Sexual no Ensino de Ciências. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, p. 01-09, 2015.

DE CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; DE ALMEIDA, Edson Leandro. Educação para a Sexualidade a partir da Biologia: Vamos falar de Kinsey?. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 93-123, 2021.

DE FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira; DE QUEIROZ, Tacinara Nogueira. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. 2012.

DE OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli; MUZZETTI, Luci Regina; MICHELETI, Laís Inês Sanseverinato. Sexualidade e educação sexual: uma perspectiva interdisciplinar na educação infantil. **Revista Científica do UBM**, p. 90-102, 2021.

DE SOUSA, Kaíque Alves. GODOI, Evilen. Caminhos para combater a masculinidade tóxica no espaço escolar. III Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres e Pré ABEH 2020, 3ª. (MTMulheres), 2020.

DOS SANTOS, Nathany Ribeiro Lima; PEREIRA, Sara; SOARES, Zilene Moreira Pereira. Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: um olhar para o ensino de ciências. Simpósio Gênero e Políticas Públicas, v. 5, n. 1, p. 1170-1184, 2018.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 147-152, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual. Mercado de Letras. Campinas, SP,, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual - possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; HECKEL, Jane Felipe; SILVANA. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade – um debate contemporâneo em educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.

GARCIA, Martins Anelise; DREUX, Elisa Celeste; LOPES, Carla Andressa Ruiz;

JOAQUIM, Walderez Moreira; VELHO, Nádia Maria R. de Campos. Roda de conversa como ferramenta para a abordagem etnobotânica em duas escolas PIBID/CAPES. Ciência que aproxima e liberta. São João dos Campos, 2017.

GERHARD, Tatiana. E.; SILVEIRA, Denise T. Métodos de Pesquisa. Série Educação a Distância. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

KNECHTEL, Maria do Rosário. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KUENZER, Acácia Zeneida. Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho, 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, Edenilse Batista. Sexualidade e Currículo escolar: um diálogo a partir da legislação. VI Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade, São Cristóvão, SE, 2012.

LIMA, Renata Epaminondas. A Educação Sexual na Formação Docente em Ciências Biológicas. Orientadora: De Souza, Thaís Oliveira. 2021. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20140/1/REL31052021.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.

LIMA, Samuel Barbosa de. Percepção de professores e alunos da educação básica sobre o tema transversal orientação sexual em uma escola pública da cidade de Bayeux, Paraíba. 48 p. Monografia (Graduação)- Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2014.

LOURENÇO, Silmara; DE MENDONÇA, Viviane Melo. Limites e resistências da Educação Sexual no Ensino de Ciências e Biologia. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 7, n. 20, 2021.

MELO, Eugênia Marques de Oliveira et al . O dito e o não dito na educação sexual: uma produção discursiva. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 30, n. 2, p. 346-361, jun. 2010.

MONDELLI, Laís. 1 em cada 3 mulheres no mundo sofre violência física ou sexual e, cenário deve piorar com a pandemia, diz OMS. G1. 9 de mar. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2021/03/09/1-em-cada-3-mulheres-no-mundo-sofre-violencia-fisica-ou-sexual-e-cenario-deve-piorar-com-a-pandemia-diz-oms.ghtml>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

NETO, João Nemi. Questões de identidade (s) de gênero (s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia Queer. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, n. 168, p. 27-34, 2015.

OLTRAMARI, Leandro Castro; GESSER, Marivete. Educação e gênero: histórias de estudantes do curso Gênero e Diversidade na Escola. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.

OLIVEIRA, Jesiane; SANTANA, Clara Gomes Santana; PINHO, Maria Jose Souza Pinho. Ensino de biologia e educação em sexualidade. **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, v. 1, n. 1, p. e202108-e202108, 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RIBEIRO, Moneda Oliveira. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 33, p. 358-363, 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, p. 129-140, 2009.

SANTOS, Welson Barbosa; MOLINA, Ana Maria Ricci. Educação sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 3, p. 1149-1163, 2018.

SFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 620-632, 2015.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, v. 35, p. 287-305, 2019.

SOUSA, Viviane; ARCOVERDE, Leo. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. G1. São Paulo, 17 de mai. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

TAQUETTE, Stella R. Epidemia de HIV/Aids em adolescentes no Brasil e na França: semelhanças e diferenças. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 618-628, 2013.

TAVARES, Bruno; MOHR, Adriana. Educação Sexual em atividades de extensão do Grupo PET/Biologia na Universidade Federal de Santa Catarina . **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, 2021.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo, SP. Editora Autores associados, 1988.

WEREBE, Maria José Garcia. Sexualidade, Política e Educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

## ANEXOS

### Anexo I - Questionário Inicial

#### Questionário I - Trabalho de Conclusão de Curso

Idade: \_\_\_\_ Gênero: ( ) Masculino  
( ) Feminino  
( ) Outro

1. Você já ouviu falar em Educação Sexual?  
  
( ) Não  
( ) Não tenho certeza  
( ) Sim
2. Você já teve algum contato com projetos que envolvam Educação Sexual?  
  
( ) Não  
( ) Sim
3. Qual nível de conhecimentos você julga possuir em relação a temas relacionados com a sexualidade humana, como orientação sexual, identidade e equidade de gênero?  
  
( ) Nenhum conhecimento  
( ) Pouco conhecimento  
( ) Muito conhecimento
4. Marque a opção que, segundo sua opinião, representa melhor o conceito de Educação sexual:  
  
( ) É o termo utilizado para se referir ao processo de ensino que proporciona o esclarecimento de dúvidas acerca de temas relacionados à sexualidade humana como um todo, perpassando por um conjunto de comportamentos relacionados ao desejo e comportamento sexual.  
( ) É o termo utilizado para se referir ao processo de ensino que proporciona esclarecimento acerca de temas relacionados à sexualidade humana, possuindo como foco principal alertar aos jovens sobre os riscos de uma possível gravidez indesejada ou de se contrair IST's.  
( ) É o termo utilizado para se referir ao processo de ensino que proporciona esclarecimento acerca de temas relacionados à sexualidade humana e que não se mostra importante dentro das escolas.
5. Você sabe diferenciar os conceitos de IDENTIDADE de gênero e IGUALDADE de gênero?  
  
( ) Sim  
( ) Não
6. O quanto você julga importante o ensino de temas relacionados com a sexualidade humana, como orientação sexual, nas aulas de Biologia?  
  
( ) Não considero importante  
( ) Pouco importante  
( ) Muito importante
7. O quanto você julga importante o ensino de temas relacionados com a sexualidade humana, como identidade de gênero, nas aulas de Biologia?  
  
( ) Não considero importante

- Pouco importante  
 Muito importante

8. O quanto você julga importante o ensino de temas relacionados com a sexualidade humana, como igualdade de gênero, nas aulas de Biologia?

- Não considero importante  
 Pouco importante  
 Muito importante

9. Segue-se uma lista de possíveis fontes de informação no domínio da saúde sexual. Para cada item assinale a sua frequência de utilização e o grau de importância que atribui à respectiva fonte.

	FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO			GRAU DE IMPORTÂNCIA		
	NUNCA	ALGUMAS VEZES	MUITAS VEZES	PEQUENO	MEDIANO	GRANDE
A) Pais						
B) Outros familiares						
C) Televisão/internet						
D) Namorado (a)/Companheiro sexual						
E) Amigos/Colegas						
F) Professores						
G) Profissionais da Saúde						
H) Figura religiosa (padre, pastor, etc).						
I) Livros didáticos						

10. Você possui interesse em aprender mais sobre temas relacionados com a sexualidade humana, como orientação sexual, identidade e equidade de gênero?

- Não  
 Sim

\*Na semana seguinte, voltarei para conversarmos mais a fundo sobre essa temática, sendo assim, caso queira e se sinta à vontade, você pode escrever abaixo (de forma OPCIONAL) algum comentário, dúvida ou sugestão para que seja debatido no próximo encontro. Sua contribuição será totalmente confidencial.

---



---



---



---

Obrigado pela participação!